

DROGAS E MÍDIA: INFLUÊNCIAS NO LAZER DA JUVENTUDE**Recebido em:** 22/04/2009**Aceito em:** 31/08/2009*Liana Romera*¹Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep
Piracicaba – SP – Brasil

RESUMO: O presente ensaio aborda alguns aspectos da juventude e algumas interfaces com lazer, mídia e drogas. As discussões são apresentadas a partir de abordagem sociológica, desenvolvidas à luz da teoria do processo civilizador, cujo ponto principal consiste na existência de um processo “cego”, não planejado, com mudanças muitas vezes imprevisíveis que ocorrem a médio e longo prazo, influenciando no comportamento dos indivíduos e da sociedade. São discutidas as interferências exercidas pela mídia nas abordagens sobre juventude, drogas lícitas e ilícitas e o uso do lazer como elemento de convencimento para o consumo. Diante do aumento do número de usuários de drogas, apontado em diferentes estudos, o ensaio alerta para a necessidade de um olhar multidisciplinar tanto para a juventude quanto para as constantes transformações imprimidas à sociedade, visando o abrandamento do problema e suas conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Adolescente. Drogas e Juventude.

DRUGS AND MEDIA: INFLUENCES IN THE YOUTH'S LEISURE

ABSTRACT: The present rehearsal approaches some the youth's aspects and some interfaces with leisure, media and drugs. The discussions are presented starting from sociological approach, developed to the light of the theory of the process civilized, whose main point consists of the existence of a blind " process ", not drifted, with changes a lot of unexpected times that they happen the medium and long period, influencing in the individuals' behavior and of the society. The interferences are discussed exercised by the media in the approaches on youth, lawful and illicit drugs and the use of the leisure as convincing element for the consumption. Before the increase of the number of users of drugs, pointed in different studies, the alert rehearsal for the need of a glance so much multidisciplinary for the youth as for the constants transformations printed the society, seeking the softening of the problem and your consequences.

KEYWORDS: Leisure. Adolescent. Drugs and youth.

¹ Professora do Programa de Mestrado do curso de Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Membro do Grupo de Pesquisa em Lazer - GPL

Estabelecer relações entre juventude e lazer pode parecer, a princípio, um exercício fácil, uma vez que, a partir de um olhar superficial, os dois temas se encontram quase que entrelaçados. Ao menos parecem ser assuntos que possibilita supor a alegria, o gozo, a festa, os encontros. Não seria, ainda, a juventude a fase da vida mais vinculada à vivência do lazer? Ao menos essa tem sido a aproximação que a mídia e o senso comum fazem, especialmente, a respeito da juventude.

Juventude, lazer e uso de drogas representam tópicos que serão aqui abordados a partir da teoria sociológica do processo civilizador de Elias e Dunning (1992), apontado por estudiosos do tema como um processo ainda em elaboração, cuja ideia central consiste em estudar a sociedade tomando por base o homem integral, e não somente alguns aspectos particulares de sua vida. Para Elias e Dunning (1992), a compartimentalização do homem em categorias como econômico, político e social somente pode ocorrer em termos de estudos, guardadas suas limitações.

Com relação às questões trazidas ao debate nesse texto, nota-se que estes são tratados, por vezes, a partir de um olhar moralista, carregado de preconceitos e leituras distorcidas, imprimindo um tom inquisidor que em nada contribui para as possíveis e necessárias compreensões.

Dessa forma, as discussões pretendidas neste ensaio não seguem o viés dos discursos moralistas, pois se trata de um esforço na busca da compreensão de algumas das questões que perpassam as relações sociais dadas que, de alguma forma, encontram-se entrelaçadas aos temas propostos.

Faz-se necessário partir da noção de juventude apresentada por Quapper (2001), na qual o autor propõe um olhar para o jovem do mesmo modo como se observa o caleidoscópio, ou seja, a partir da contemplação da imagem multicolorida e em

permanente movimento, pois o caleidoscópio permite a visualização da figura compondo-se e recompondo-se de diferentes formas, inversamente ao ocorrido quando da observação do objeto a partir do microscópio, capaz de proporcionar, mesmo que de forma ampliada, um olhar fixo, para um objeto e um cenário estáticos.

Assim, a juventude deve ser estudada a partir da dinâmica e das constantes transformações que marcam a atualidade, apresentadas e compreendidas como reflexo da própria sociedade considerando o contexto, cultura e valores que permeiam as relações sociais.

Considerando, ainda que de forma breve, um olhar da história sobre a juventude, Ariès (1981), defende que essa categoria foi construída a partir do século XIII, e mediante gradativa extensão foi ganhando especificidade e diferenciação no tratamento a ela pertinente.

Na França medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto; a partir do momento em que sua capacidade física permitisse, em idade relativamente prematura, participavam integralmente do mundo do trabalho e da vida social. A noção de infância desenvolveu-se lentamente ao longo dos séculos e só gradualmente a criança passou a ser tratada como um problema específico (DEBERT, 1999).

Apoiada na tese de Ariès (1981), Abramo (1994) defende que a juventude passa a existir na sociedade moderna especificamente a partir da transição para a sociedade industrial, na qual pode ser verificada uma cisão entre o mundo do trabalho e da família.

Simultaneamente, a democratização do ensino contribui para a separação dos grupos por idade. Quando do início do processo de escolarização, pois, até então, o desenvolvimento humano ocorria sem grandes rupturas; nas sociedades agrárias, a criança permanecia junto aos adultos, e assim que adquirisse autonomia para mover-se e comunicar-se, juntava-se aos trabalhadores e partilhava de seus trabalhos e jogos.

Aprendia gradativamente um ofício, que, seguramente garantiria o trabalho para seu sustento e de sua família.

De criança pequena transformava-se imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas correspondentes à juventude. Nessa época, a sociabilidade era verificada não apenas na família como também nas visitas, festas, nos encontros, que ocorriam sem rupturas e separações por grupos de idade. Os acontecimentos festivos eram freqüentados por toda família, ou seja, os momentos de lazer eram vividos por diferentes faixas etárias que participavam das mesmas situações, pois tanto o tempo livre quanto o tempo dedicado ao trabalho eram partilhados por todos os membros da família.

Essa sociabilidade observada nas sociedades antigas, nas quais não havia a separação entre as diferentes faixas etárias, foi sofrendo gradativa transformação em consequência dos modos de vida em sociedade.

De acordo com Elias, as transformações que movem a sociedade são compreendidas por mudanças não planejadas, provocadas pelos indivíduos que a formam: “Embora todas as sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos.” (ELIAS 1994, p.13).

Para Dunning (2003), o ponto principal é a existência de um processo “cego”, não planejado, com mudanças muitas vezes imprevisíveis que ocorrem a médio e longo prazo nas sociedades. Assim afirma o autor com relação ao processo civilizador:

[...] processos cegos e não intencionais, produto da inter-relação de milhares de atos individuais, têm dominado, até agora, a história da humanidade, produzindo, desintencionadamente, não só avanços civilizadores, como o surgimento dos esportes modernos, senão também as guerras periódicas e crises econômicas, raciais/étnicas, sexistas, de meio ambiente e de outro tipo. (DUNNING, 2003, p.280).

As relações e situações vividas em sociedade são frutos, muitas vezes, não planejados de ocorrências do passado que se foram configurando e perpetuando com o tempo, são seqüências ou a continuidade reelaborada de suas próprias decorrências não programadas.

A partir do processo civilizador, as sociedades se transformam constantemente e de forma cega, pois muitas das transformações e avanços não são passíveis de previsões a médio ou longo prazo tampouco de controle dos possíveis desdobramentos e decorrências que possam surgir, uma vez que uma parcela dessas conseqüências não são nem previstas nem controladas.

Assim, inúmeras mudanças ocorridas em séculos anteriores representam reflexos de transformações que a sociedade atual não planejou e cujas conseqüências são vivenciadas por ela.

Dentre as referidas transformações, destacam-se as gradativas transformações do núcleo familiar, o surgimento do processo de escolarização, como também o processo de urbanização provocado pela industrialização.

A partir do século XVII, ocorre uma mudança notável, fundada em pontos centrais: a transformação da família que, juntamente com as exigências do processo de industrialização, vai crescentemente polarizando a vida social e fazendo desaparecer a antiga sociabilidade coletiva, até então verificada.

Ariès (1981) ressalta que, dentre os elementos que mais fortemente contribuíram para o surgimento da juventude, devem ser considerados:

1 a separação da convivência entre crianças e adultos em tempo integral provocados pelo processo de industrialização,

2 o início do processo de socialização e a conseqüente formação gradativa de um mundo de hábitos e costumes relativos às idades.

Se conjugarmos os fatores acima mencionados às rápidas mudanças que intervieram, especialmente nos últimos trinta anos, podemos considerar que tal processo não apenas modificou o mundo, mas, mais profundamente, passou a exigir mudanças no modo de ser e estar no mundo, como também nas formas de se olhar para o mundo.

Nesse sentido, tentar compreender a juventude, a partir do presente e com os olhos voltados ao passado, pautando-se em concepções construídas há décadas, sem considerar as inúmeras transformações que se deram em todos os âmbitos sociais, representa um exercício pouco produtivo e passível de conclusões distorcidas, equivocadas ou ultrapassadas.

Tal exercício somente terá sentido ao se considerar o percurso da história da humanidade, buscando melhor compreensão da situação que se desenha no presente, quer seja, considerando a história para entender a sociedade e seus diferentes atores e cenários.

A despeito de toda visibilidade que o assunto acumula, na história recente da humanidade, abordar a temática da juventude requer, por parte daquele que o faz, um distanciamento de preconceitos, moralismos ou das influências do senso comum que, geralmente, acompanham o tema.

Para alguns pesquisadores, “A juventude aparece, assim, como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas; na verdade, nas sociedades ocidentais, como um problema da modernidade” (ABRAMO, 1994, p.4).

Aspectos cronológicos não são suficientes para delimitar esta fase do desenvolvimento humano, pois tem se verificado, na atualidade, um prolongamento desse período promovido por 2 fatores em especial:

O primeiro deles refere-se à diminuição do tempo da infância, as crianças estão deixando essa fase mais cedo e, conseqüentemente, chegando à adolescência de forma precoce.

Dentre os possíveis fatores promotores estão às inúmeras transformações que permeiam a contemporaneidade, com destaque para o grande número de estímulos recebidos, principalmente dos meios de comunicação. As mudanças nos hábitos alimentares têm contribuído para que o período da infância se encerre mais cedo, promovendo, conseqüentemente, o início da adolescência.

O segundo fator é verificado a partir de um aumento no tempo da juventude pois a entrada na vida adulta foi postergada por diversos motivos que contribuem de forma decisiva para que a permanência nessa fase do desenvolvimento humano se prolongue, por vezes até quase os 30 anos de idade.

As crescentes exigências do mercado de trabalho, a possibilidade de formação mais especializada, da qual usufruem os jovens de uma camada social mais alta, adiam o ingresso dessa parcela da juventude no mercado de trabalho, contribuindo para que também seja adiado o encerramento da juventude marcado pelo ingresso na vida adulta.

Dentre as várias transformações observadas no mundo moderno, podem ser destacadas algumas que, de modo mais direto, interferem no prolongamento do tempo de juventude: desemprego, violência urbana, liberação sexual, maior tempo de estudos e formação profissional, dentre outros. Tais mudanças representam os processos cegos aos quais se referia Elias (1990), em defesa do processo civilizador pois, embora não signifiquem situações planejadas, promovem algumas conseqüências, dentre as quais destacam-se: o adiamento da saída dos jovens da casa dos pais, situação que, no passado, representava uma conquista e, conseqüentemente, o *status* de adulto.

Margulis (1998, p.14) defende que os estudos acerca da juventude apontam para cinco situações que marcam a transição para a vida adulta, as quais podem ocorrer de modo simultâneo, mas que repercutem diferentemente, dependendo da camada social considerada: deixar a escola, começar a trabalhar, abandonar o lugar da família de origem, casar-se e formar um novo lugar para morar.

Essas situações podem ser consideradas ritos de passagem da infância para a vida adulta, levando-se em conta que todas são marcadas por transposições de nível ou *status* social, independentemente da situação cronológica que o fator idade estabelece.

As concepções que a mídia constrói e veicula acerca dessa fase do desenvolvimento são também consideradas fatores de transformação dos comportamentos sociais dos jovens, assim como do modo como são percebidos socialmente.

Aos olhos da mídia, essa fase da vida está representada na sociedade com base em duas compreensões simultaneamente antagônicas que são observadas, por vezes, com lentes de extremo otimismo marcado por uma visão romântica, ao mesmo tempo em que por lentes de visível pessimismo, dando oportunidade para o fortalecimento de estigmas e rotulações.

Tais compreensões podem ser detectadas quando, para uma parcela da sociedade, a juventude é compreendida como a época de total alegria e despreocupação relativa às obrigações da vida adulta, marcada por festas, encontros, passeios e namoros. O seu oposto é verificado quando, para outra parcela social, ela significa um período de grandes conturbações, com propensões a envolvimento com brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos.

Ambas as formas de compreensão, embora balizadas pela oposição, são disseminadas e fortalecidas pela mídia que, ao explorar a imagem de juventude,

determina os rumos da abordagem que irá desenvolver de acordo com os interesses mais imediatos que pretenda veicular: consumo, informação, hábitos, comportamento, dentre tantos outros.

Margulis (2001, p.44) denuncia a visão romântica acerca dos modos como a mídia aborda a temática da juventude:

[...] a imagem do jovem legítimo que a *mass-media* tem imposto como portadora dos símbolos da juventude: bela, alegre, despreocupada, desportiva e saudável, vestindo as roupas da moda e vivendo romances e aventuras amorosas, alheia à falta de dinheiro, ao rigor cotidiano do trabalho ou às exigências do lar.

Essa imagem de juventude pode ser verificada em seriados de TV, filmes, peças publicitárias e novelas, tanto nacionais quanto internacionais, bastante distante da juventude que figura nos noticiários televisivos e jornalísticos que, em vez de um tom romantizado, é apresentada de forma trágica e ameaçadora.

Os modos idealizados acerca das abordagens da juventude também representam temática discutida por Burak (2001), que a desenvolve, no entanto, de um ponto de vista oposto, no qual o foco romântico é substituído por uma visão trágica e pessimista.

De acordo com o autor, a sociedade desenvolveu nas últimas décadas uma visão negativa geral dos adolescentes e jovens (“são gangues de ladrões”, “são drogados”, “desrespeitosos”, “engravidam irresponsavelmente”, “nada de bom se pode esperar deles”) são facilmente culpáveis de sucessos negativos. Essa rede pejorativa dos adultos toma todos por iguais, como se houvesse apenas uma juventude. (BURAK, 2001, p. 30).

Em diversas ocasiões, a imagem de juventude que a mídia veicula se aproxima mais de um recurso utilizado pelos meios de comunicação para atingir objetivos de audiência, a partir de uma concepção estereotipada e construída de modo distorcido, do que da realidade propriamente vivida por essa parcela da sociedade.

Essa relação é facilmente percebida quando à juventude estão relacionados temas polêmicos, como por exemplo, torcidas de futebol ou o uso de drogas, marginalidade, vandalismos.

As mesmas distorções podem ser verificadas acerca da temática das drogas, quando a mídia promove enorme escândalo ao abordar questões relativas às substâncias ilícitas (crack, cocaína e maconha) ao mesmo tempo em que mantém uma posição bastante compassiva com relação às substâncias lícitas.

Sobre os modos como a mídia trata a questão das drogas, estudiosos da relação existente entre mídia e epidemiologia (NOTO et al., 2003) ressaltam a diferença de tratamento dispensado aos vários tipos de drogas, principalmente considerando a relação entre substâncias lícitas e ilícitas. De acordo com Noto et al. (2003, p.70), “[...] a população recebe, pelos meios de comunicação, informações contraditórias em alguns aspectos. Um evidente descompasso diz respeito ao conjunto de informações sobre ‘drogas ilícitas’”.

Os autores do referido estudo denunciam que a mídia tem dado maior enfoque aos assuntos relacionados às drogas ilícitas, como se estas fossem as de maior uso entre a população.

As distorções que acompanham as abordagens midiáticas sobre as drogas passam a formar a opinião pública, promovendo uma preocupação carregada de mitos sobre drogas ilícitas e muita permissividade e complacência com o álcool e o tabaco.

(Ainda que os inúmeros estudos do Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas) – (CEBRID), cujos estudos epidemiológicos realizados no Brasil encontram-se aqui referenciados por: (CARLINI-COTRIM; CARLINI; SILVA FILHO; BARBOSA, 1989; CARLINI-COTRIM; CARLINI; SILVA FILHO; BARBOSA, 1990; GALDUROZ; ALMEIDA; CARVALHO; CARLINI, 1994; GALDUROZ; NOTO;

CARLINI, 1997; GALDUROZ; NOTO; FONSECA; CARLINI, 2005; GALDUROZ; NOTO; NAPPO; CARLINI), 2000 apontem para o maior uso de drogas lícitas, a ênfase ainda é dada às questões relativas ao ilícito, não obstante os resultados que os estudos epidemiológicos apontam com as diferentes populações pesquisadas em todo país.

Apenas a título de exemplo, o quinto levantamento sobre uso de drogas entre estudantes dos ensinos médio e fundamental, realizado por GALDUROZ; NOTO; FONSECA; CARLINI, 2005, resultou nos seguintes números acerca “do uso na vida” que significa a experimentação ou um único uso: álcool 65,2%, maconha 5,9%, cocaína 2,0 e crack 0,7%.

Sobre o “uso freqüente”, que significa dizer seis ou mais vezes nos últimos trinta dias os números apresentados foram os seguintes: álcool 11,7%, maconha 0,7%, cocaína 0,2 e crack 0,1%

Os resultados desses estudos sinalizam que as questões que permeiam o uso de drogas estão muito mais vinculadas às substâncias lícitas do que às ilícitas e ratificam a denúncia pronunciada por Dumazedier: “É lamentável que 200 drogados morram a cada ano por *overdose*, mas o que pensar das 12 mil mortes por abuso de álcool?” (DUMAZEDIER, 1994, p.59).

Além da constatação denunciada, o sociólogo do lazer também faz questionamentos acerca da maior atenção que a mídia, as autoridades políticas, da saúde, do direito, como a sociedade, de modo geral, dispensam à temática das drogas ilícitas em detrimento das lícitas, uma vez que, segundo o autor, os prejuízos individuais e sociais promovidos pelo uso abusivo de álcool são maiores que aqueles ocasionados pelo uso de outras drogas.

Em estudo que analisou a presença de bebidas alcoólicas nos meios de comunicação, Pinsky e Silva (1995) destacaram que especialmente as propagandas de

cerveja têm nos grupos específicos seu público-alvo e, ao patrocinarem eventos esportivos ou *shows* musicais, dirigem seu foco especialmente para a juventude e passam uma falsa idéia de que o álcool é parte da boa vida.

De acordo com as pesquisadoras, o embate entre associações civis que pretendem a censura para a propaganda de álcool nos meios televisivos, de um lado, e as indústrias de cervejas, de outro, suscitou no meio acadêmico a produção de pesquisas referentes ao tema.

Em revisão realizada sobre pesquisas internacionais acerca da publicidade das bebidas alcoólicas nos meios de comunicação, Pinsky e Silva (1995, p.115) ressaltam: “O conjunto de estudos revisados sugere que as imagens de bebidas nos meios de comunicação têm, entre outros efeitos, o de legitimar o consumo do álcool”.

O uso de drogas representa um fenômeno complexo e multifatorial, resultante de um modo de funcionamento da própria sociedade na qual tal uso é verificado, devendo ser focado pelos diferentes campos do conhecimento, estabelecendo ainda o necessário diálogo entre as áreas, desvencilhando-se de possíveis preconceitos e ranços moralistas tão vinculados ao fenômeno.

A complexidade do tema foi ressaltada por Bucher (1992) ao advertir que em muitas abordagens a respeito do consumo de drogas, o aspecto do prazer proporcionado pelo uso não era considerado; como se o prazer fosse secundário à vida humana.

Considerando a questão do prazer, a maior parte das discussões relativas às drogas lícitas ou ilícitas encontra seu foco no uso efetuado pelo público jovem ; e, entre os principais contextos de uso, destacam-se as situações de lazer, que, por sua vinculação com prazer e liberdade, são aspectos característicos da vivência do tempo disponível, tornando-se ocasião preferida para a experimentação e o uso de drogas.

Romera (2008) desenvolveu pesquisa com torcedores de equipes de futebol do estado de São Paulo, visando avaliar o padrão de uso de álcool. Os dados do estudo mostraram um índice de 36,9% de jovens torcedores com idades entre 15 e 25 que apresentaram um grau médio de comprometimento com o álcool.

Estudo de Martins (2006), sobre a relação entre drogas e jovens estudantes de cidade do interior do estado de São Paulo, ressalta o uso de álcool em duas situações: nos finais de semana e em eventos esporádicos assim classificados: festas populares, festas com amigos, bar ou boate e festas em família. Todas as ocasiões mencionadas representam situações marcadamente de lazer.

Nesse sentido, as peças publicitárias veiculadas na mídia televisiva, especialmente aquelas desenvolvidas para as marcas de cerveja, são particularmente especialistas em estabelecer, de forma subliminar, uma estreita relação entre a vivência de determinados conteúdos do lazer, sociais, físico esportivos, turísticos, especialmente voltados ao público jovem (o encontro do final de semana, a festa, a praia, as viagens, o barzinho, a balada, o churrasco com os amigos) e o consumo de bebidas alcoólicas.

A veiculação exaustiva de cenas de alegria, prazer, divertimento, paquera, sucesso que são normalmente buscadas no cotidiano, encontram-se condicionadas ao consumo de bebidas, na mesa do bar, no churrasco, no final de semana na praia.

Torna-se, portanto, estabelecida, a idéia de que, sem o consumo de bebidas, especialmente cerveja, não dá pra ser feliz, não há curtidão nem prazer.

No entanto, embora a mídia venha exercendo, de maneira bastante eficaz seu poder de convencimento, especialmente, junto ao público jovem, Marcellino (2008), em seus estudos sobre a temática do lazer argumenta que:

O entendimento do lazer de modo isolado, sem considerar as mútuas influências que podem ocorrer, e certamente ocorrem, com as várias esferas da vida social, tem provocado uma série de equívocos [...]

Quanto mais complexa se torna a sociedade, maiores são as necessidades de inter-relações entre os vários componentes da vida social para o seu entendimento (MARCELLINO, 2008).

É importante ressaltar ainda que o lazer, de acordo com Marcellino, tem duplo aspecto educativo sendo veículo e objeto de educação. Para ele:

Tratando-se do lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios como para o relaxamento e prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, [...] Por outro lado, para o desenvolvimento de atividades no 'tempo disponível', de atividades de lazer, quer no plano da produção, quer no plano do consumo não conformista e crítico, é necessário aprendizado (MARCELLINO, 2008, p.25).

Ainda que a maior parte dos usos abusivos de álcool ocorra em situações de lazer, conforme acima explicitado, há que se considerar que o modo de vivência desse tempo tem relação direta com as demais esferas da vida humana.

Desse modo, as funções do lazer só podem ser compreendidas se forem consideradas como parte constituinte de um todo indissociável, que se refere à vida humana em sociedade. Portanto não se trata de colocar o lazer no banco dos réus, como se fosse ele o responsável pelo uso abusivo das drogas lícitas ou ilícitas, mas trata-se sim, de buscar compreender as relações aqui apresentadas de modo mais abrangente.

“A relação que se estabelece entre lazer e sociedade é dialética, ou seja, a mesma sociedade que o gerou, e exerce influências sobre o seu desenvolvimento também pode ser por ele questionada, na vivência dos seus valores” (MARCELLINO, 2008, p. 12).

Considerações finais

Alguns dos aspectos aqui ressaltados evidenciam o consumo de bebidas alcoólicas entre o público jovem e a estreita relação deste no tempo destinado ao lazer, o que faz supor que o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento poderá contribuir

para o avanço da compreensão do fenômeno seguido das necessárias proposições de abrandamento de suas conseqüências tanto no nível social quanto no individual.

Ainda que se considere que drogas sempre existiram e que não existe sociedade livre da presença das drogas, o que se tem observado, na atualidade, através dos diversos estudos epidemiológicos realizados no Brasil por: (CARLINI-COTRIM; CARLINI; SILVA FILHO; BARBOSA, 1989; CARLINI-COTRIM; CARLINI; SILVA FILHO; BARBOSA, 1990; GALDUROZ; ALMEIDA; CARVALHO; CARLINI, 1994; GALDUROZ; NOTO; CARLINI, 1997; GALDUROZ; NOTO; FONSECA; CARLINI, 2005; GALDUROZ; NOTO; NAPPO; CARLINI, 2000), é que seu uso tem se apresentado cada vez mais intenso na população, de modo geral, e entre os jovens, de modo especial, cada vez mais precocemente.

Mesmo considerando o fato de que teremos que aprender a conviver com as drogas lícitas ou ilícitas, torna-se imprescindível o esforço direcionado à conscientização da sociedade, por entender que não há outro caminho para o abrandamento do fenômeno que não o conhecimento mais aprofundado do mesmo promovido pelo diálogo entre áreas e pela interdisciplinaridade, pois a complexidade do tema exige a união dos múltiplos olhares dos estudiosos do assunto.

Considerando ainda a proposição inicial de olhar para o tema a partir do processo civilizador, o uso de álcool pode situar-se em dois extremos: por um lado, o atual estado do consumo de bebidas entre o público jovem reflete uma possibilidade de denúncia, ou um modo de declarar que algo na atual sociedade não está bem, tornando-se, de algum modo, uma forma de expressão e, portanto, não considerada alienante; por outro lado, o consumo excessivo de álcool tem condições de tornar o homem alienado.

Contudo, as interferências da mídia se dão tanto na construção da compreensão que a sociedade desenvolve acerca do uso de drogas, como também, e de modo bastante direto, nos hábitos de consumo daqueles públicos eleitos como alvos das campanhas publicitárias, quer sejam, os jovens.

Certamente a mídia não pode ser responsabilizada, isoladamente, pelas mazelas

sociais que se apresentam como reflexo de políticas inapropriadas ou ineficazes relativas não somente à temática das drogas, como também às inúmeras dificuldades e contradições que compõem o cenário de um país tão grande quanto injusto e desigual, como é o Brasil. Entretanto, uma parcela da responsabilidade que é conferida à mídia deve ser considerada e analisada para possíveis encaminhamentos e exposições das necessidades de mudança de enfoque de alguns temas abordados, para que melhores níveis de vida saudável possam ser verificados na sociedade.

Quando os modelos médicos e jurídicos, ambos prescritivos de comportamentos, passam a não mais dar conta do problema, surgem possibilidades da busca de novos caminhos, de abordagens sociológicas da questão.

Se o uso de drogas representa uma das formas de interpelação dos jovens à sociedade que, por sua vez, não lhes dá respostas, não cabe mais rotular o usuário de drogas ilícitas e continuar fazendo apologia às drogas lícitas. Há que se pensar formas de sanar as mazelas sociais, principalmente no sentido da diminuição das distâncias entre as juventudes.

Visando contribuir para a reflexão acerca do tema aqui desenvolvido, fica o convite, proposto inicialmente, que o olhar possa ser o mesmo dirigido ao caleidoscópio. Considerando cada jovem de forma especial e única, com a certeza de que não há mais certezas, há um caminho que tem que ser reinventado, assim como a sociedade vem fazendo, dia a dia.

Trazer para o âmbito das discussões do lazer a temática do uso de drogas tem a pretensão de provocar novas e necessárias discussões envolvendo os atores e cenários que compõem os fenômenos aqui analisados, sem preconceitos ou moralismos, mas com a responsabilidade que a questão exige.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta; Scritta, 1994.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médias, 1992.

BURAK, S. D. (Comp.) Adolescência e juventude na América Latina. In: BURAK, S. D. (Comp.) **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001.p.118-130.

CARLINI-COTRIN, B. et al. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987. **Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987**. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989. p. 9-84. Série C. Estudos e Projetos, 5).

CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos em estudantes de primeiro e segundo graus - 1989**. São Paulo: CEBRID/Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1990

CARLINI-COTRIN, B.; CHASIN. Prevalência de alcoolemia em vítimas de causas externas admitidas em centro. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.1, 2002. CEBRID. Disponível em: <<http://www.cebrid.epm.br/folhetos/drogas.htm#psicotropicas>>. Acesso em: 02 out. 2006.

DEBERT, G.G. C. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: _____. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Nobel, 1994.

DUNNING, E. **Él fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

ELIAS, N. **O processo civilizador I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **A sociedade e os indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. **III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras - 1993**. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina., 1994.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **IV Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 1997.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. **V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD – CEBRID, 2005.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. **I Levantamento Domiciliar Nacional sobre Uso de Drogas Psicotrópicas**. Parte A: Estudo Envolvendo as 24 Maiores Cidades do Estado de São Paulo - 1999. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 2000.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e sociedade**. Campinas: Alínea, 2008.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La Juventud és más que una palabra. In: MARGULIS, M. *La juventud és más que una palabra*: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998.

MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, S. D. (Comp.) **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001.p.41-56.

MARTINS, R. A. **Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente**. 2006. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2006.

NOTO, A. R. et al. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.69-79, jan./fev. 2003.

PINSKY, I.; SILVA, M.T.A. As bebidas alcoólicas e os meios de comunicação: revisão da literatura. **Revista Associação Brasileira de Psiquiatria**, v.17, n.3, p. 115-121.1995.

QUAPPER, K.D. Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, S. D. (Comp.) **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001.p.57-73.

ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2008.

Endereço da Autora:

Liana Romera
Rua Luiz Razera 1060 apto 54 bloco B
Jardim Nova América – Piracicaba – SP
CEP: 13.417 530
Endereço Eletrônico: liromera@uol.com.br